

A ALMA
dança
EM SEU BERÇO



NIELS HAV

A ALMA DANÇA EM SEU BERÇO

PREPARAÇÃO

França e Gorj

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Murilo Guerra

TRADUÇÃO, APRESENTAÇÃO E NOTAS

Edivaldo Ferreira e

Matheus Peleteiro

REVISÃO E SUPERVISÃO

Daniel Zanella e Adriano Feitosa

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

H383a HAV, NIELS. 1949
A alma dança em seu berço
Niels Hav; Trad.: Edivaldo F. e Matheus P.
Guaratinguetá: Penalux, 2018.

90 P. : 21 cm

ISBN 978-85-5833-376-4

1. Poesia estrangeira 2. Dinamarca I. Ferreira, Edivaldo;
Peleteiro, Matheus II. Título

CDD.: CB890

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Poesia dinamarquesa



TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

A reprodução de qualquer
parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa
do autor e da Editora Penalux.

EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39,
Guaratinguetá, SP, 12500-260

UM MISTÉRIO

O maior mistério para o compositor
que há 47 anos explora seriamente o som

É a musiquinha chiclete no rádio
todas as manhãs com todo mundo cantarolando e
assobiando junto

No caminho para o carro e cantando na rua
à noite, quando estão felizes e despreocupados

Isso é um mistério!

MULHERES DE COPENHAGUE

Mais uma vez eu me apaixonei
dessa vez por cinco mulheres diferentes durante
uma corrida
no ônibus número 40 de Njalsgade até Østerbro.
Como é que alguém consegue controlar sua vida sob
tais condições?

Uma vestia um casaco de pele, outra,
botas de borracha vermelha.
Uma delas estava lendo um jornal, a outra, Heidegger
– e as ruas estavam inundadas pela chuva.

Na Amager Boulevard entrou uma princesa
encharcada,
eufórica e furiosa, e me apaixonei profundamente
por ela.

Mas ela desceu na delegacia de polícia
e foi substituída por duas rainhas com lenços
flamejantes,
que falavam estridentemente uma com a outra em
paquistanês

durante todo o caminho para o Hospital Municipal,
enquanto o ônibus fervilhava de poesia.

Elas eram irmãs e igualmente bonitas,
então perdi meu coração para as duas
e imediatamente planejei
uma nova vida em um vilarejo perto de Rawalpindi
onde crianças crescem com o perfume do hibisco
e suas mães desesperadas cantam canções
melancólicas

enquanto a noite se instala sobre as planícies
paquistanesas.

Mas elas não me viram!

E a que estava vestindo um casaco de pele
cobriu seu choro com suas luvas
quando desceu em Farimagsgade.

A garota lendo Heidegger fechou seu livro de repente
e olhou diretamente para mim com um riso de
desdém,

como se ela tivesse de repente vislumbrado o

Zé Ninguém

em toda sua insignificância.

E foi assim que meu coração se partiu pela
quinta vez,

quando ela se levantou

e desceu do ônibus com todas as outras.

A vida é tão brutal.

Continuei por mais duas paradas antes de desistir.

Sempre termina assim: você sozinho

no meio-fio, sugando um cigarro,

derrotado e um pouco infeliz.

MENTALIDADE HUMANA

A mentalidade humana é um hotel místico
com muitos andares, corredores, salas de reunião
e instalações para conferências.

Na recepção incontestáveis regras do senso comum
imperam durante o dia.

À noite tudo é administrado
por um Neanderthal.

Todas as percepções da vida estão representadas
nesse hotel.

Em alguns quartos, importantes contratos são
negociados,

reformas drásticas são planejadas. Atos criminosos
e assassinatos são contemplados. Se o recepcionista
bater nesta porta para fazer perguntas pessoais
ele será expulso com um rugido de escárnio.

Em outros quartos vivem filósofos,
malabaristas de palavras,

xamãs e crentes zelosos. O porão é assombrado
pelo grande baterista do nada, que cria
répteis como animais de estimação.

Em todo lugar há atividade febril.

Em situações cruciais, todos são chamados
para uma reunião, dia ou noite, para falar sobre
grandes problemas ou puras trivialidades.

Não há pauta do dia nem cadeiras;

questões surgem e desaparecem em rápidos tumultos.

Um argumento por cima de outro

cada um em seu próprio tom. Alguns usam a lógica
ou o senso comum, outros declamam com uivos,
choradeira, canções, maldições, súplicas e
gritos de terror.

Espíritos antigos cantam resmas de palavras
incompreensíveis
em línguas mortas. Raramente
chega-se a uma conclusão definitiva.
De repente, todos retornam aos seus quartos
cada um imerso em sua própria confusão inabalável.

Na recepção, anda uma pessoa limpa e bem vestida.
Ele chama a si mesmo de Eu
e sustenta que ele é o gerente; ele afirma
que todas as decisões são tomadas por ele; e alega
que o hotel é gerido racionalmente
em acordo com princípios contemporâneos.

Ouçá-o com um pouco de ceticismo.
Os demais habitantes do hotel não dão a mínima
para a autoridade dele.

ILUMINAÇÃO

Algumas palavras são mais bonitas do que a
experiência a que representam,
por exemplo, a palavra iluminação. Na minha mente,
vejo Odense¹;
o poeta ²de pé na janela aberta da prefeitura
com lágrimas nos olhos, tochas do lado de fora, na
escuridão,
a emoção do poeta, o terno aperto de mãos.
Tudo isso é um cumprimento da antiga profecia;
agora a cidade está iluminada para ele.
É tudo genuíno. As lágrimas são lágrimas
verdadeiras.
Mas a dor de dente é insuportável, o ar gelado
inflama terrivelmente a dor:
*Ao invés de desfrutar adequadamente a felicidade
desses minutos que jamais voltarão,
olhei a partitura para ver quantos versos
restavam até que pudesse me livrar da tortura
que o ar frio me forçava a sofrer através de meus dentes.*³

1 Odense é um município da Dinamarca, localizado no sudeste do país, no condado de Fiónia.

2 Niels faz uma homenagem ao autor de contos de fadas Hans Christian Andersen, ao dizer que a cidade natal do autor está iluminada devido a sua existência.

3 Trecho retirado da autobiografia de H. C. Andersen, “The Story of My Life”, que retrata eventos ocorridos em Odense no dia 6 de Dezembro de 1867.

MINHA CANETA FANTÁSTICA

Eu prefiro escrever
com uma caneta encontrada na rua
ou com uma caneta promocional,
vinda de bom grado dos eletricitas,
do posto de gasolina ou do banco.
Não só porque são baratas (grátis),
mas imagino que tal implemento
irá fundir minha escrita com a indústria,
com o suor de trabalhadores qualificados,
os escritórios administrativos
e o mistério de toda existência.

Certa vez escrevi poemas meticulosos com uma
caneta-tinteiro
– pura poesia sobre puro nada
mas agora gosto que exista merda no meu papel
lágrimas e catarro.

Poesia não é para maricas.
Um poema deve ser tão honesto quanto as cotações
da Dow Jones
– um misto de realidade e puro blefe.
O que resta para fazer com a nossa sensibilidade?
Não muito.

É por isso que não perco de vista o mercado de títulos
e os documentos importantes. A Bolsa de Valores
pertence à realidade – assim como a poesia.

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Impresso em Pólen Soft 80g/m²
em São Paulo para Editora Penalux, em Junho 2018.